

O ESTUDO LITERÁRIO DO NOVO TESTAMENTO: GÊNEROS LITERÁRIOS NOS CONTEXTOS DO CRISTIANISMO PRIMITIVO

Vítor de Oliveira Abreu

PUC-RJ / IBE

<http://lattes.cnpq.br/1797637121256274>

Resumo:

Este artigo tem por objetivo demonstrar a perspectiva que se pode tomar na compreensão da riqueza de sentido dos textos do Segundo ou Novo Testamento, através do que comumente chamamos de "gêneros literários". Os gêneros empregados nestas escrituras cristãs resultam de coleções literárias variadas, que em conjunto visavam expressar e interagir com determinados domínios da experiência humana. O estudo literário pressupõe que a intencionalidade e a funcionalidade do texto por meio do gênero literário são partes vitais no amplo processo de comunicação, cujo gênero está intimamente correlacionado ao ambiente lingüístico e condicionamento histórico-social do autor e de seus respectivos leitores originais. Esta noção constitui-se num caminho efetivo no acesso à realidade significativa e construída nos respectivos textos.

Palavras-chave: Gênero Literário; Contexto Vivencial; Ambiente Lingüístico; Funcionalidade e Intencionalidade; Segundo Testamento.

Abstract:

This article aims to demonstrate the perspective that you can take in understanding the richness of meaning of the texts of the Second or New Testament, through what we commonly call "literary genres". The genres used in these Christian scriptures are the result of various literary collections, which together were intended to express and interact with certain areas of human experience. The literary study assumes that the intent and functionality of the text through the genre are a vital part in the wider process communication, whose genre is closely correlated to the linguistic environment and social and historical conditioning of the author and their original readers. This notion is in an effective way of access to meaningful reality and built in the texts.

Keywords: Literary Genre; Living Context; Linguistic Environment; Functionality and Intentionality; Second Testament.

Introdução

No decorrer das últimas décadas tem ocorrido um crescente interesse pela abordagem da Bíblia *como literatura*, razão pela qual se torna necessário situá-la no universo literário de seu tempo¹. Neste escopo se incluem as escrituras cristãs que, diga-se desde já, não foram concebidas inicialmente num projeto organizado para se constituírem um corpo fechado de livros e só mais tarde, no séc. III E.C., recebeu um nome coletivo, denominado por Tertuliano de *Novo Testamento*². Estas escrituras demonstram seu caráter especial devido tanto a sua coligação com a história de surgimento e desenvolvimento do cristianismo originário quanto com o que nos permite saber sobre o mundo de pensamento e ambiente lingüístico dos seus escritores. Contudo, dada sua antiguidade e surgimento nos contextos do Antigo Oriente Próximo e de um mundo helenizado, convém que seja dedicado a estes textos bíblicos o tratamento “literário” a que tem direito³, tendo em mente a diversidade de comunidades destinatárias, isto é, com múltiplas concepções e práticas, o que justifica que seja encontrado no então chamado *Novo ou Segundo Testamento*, várias teologias⁴ a partir do nível de confissões de fé aqui e acolá, e jamais um corpo doutrinário sistemático ou uniforme e, por assim dizer, reflexo do processo de produção de várias coleções literárias oriundas de diferentes situações vivenciais conforme a pesquisa hoje nos permite explorar.

Contexto Vivencial e Status Literário do Segundo Testamento

No campo da metodologia neotestamentária é lugar comum falar da *situação vivencial* como o ambiente típico de onde nasce um respectivo tipo de texto. Uma vez que não existe hoje acesso aos textos autógrafos, o volume de variantes (divergências entre as cópias dos textos) denota que também devem ser considerados os contextos sócio-históricos em que as cópias dos manuscritos foram produzidas. O manuscrito mais antigo encontrado do *Segundo Testamento* é um fragmento do II séc. que contém apenas sete linhas, o P⁵² e os manuscritos “completos” mais antigos datam de 325 E.C. em diante. A análise crítica e literária destes materiais evidencia que a distância temporal e o longo processo de reprodução deixam vir à tona questões associadas à relatividade da memória, da

¹ Dr. Johan Konings apud BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 1998, p. 9.

² Curioso mencionar que mesmo a coleção que Tertuliano se referiu, se distingue de outros cânones próximos do período patrístico. O “cânon” de Tertuliano era formado de 22 livros, em cujo corpo não se encontravam as epístolas de 2 Pedro, Tiago, Judas e 2 e 3 João, se distinguindo do corpo considerado hoje de *Novo Testamento*.

³ ALTER, R. *Em espelho crítico*. São Paulo: Perspectiva, 1998, pp. 16-17.

⁴ SCHNELLE, U. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André: Academia Cristã e Paulus, 2010, p. 23.

transmissão oral e de necessidades teológicas motivadas por questões situacionais concretas.

Neste aspecto, a definição ao texto religioso como “regra de fé e prática” necessariamente não precisa ser mantida à custa de uma atitude de atemporalidade do texto, pois tal atitude prejudica a percepção adequada desta grande obra como uma coleção e variedade de estilos literários, conseqüentemente, afetando a interpretação de cada texto em seus variados contextos. E ainda, sob a alegação da visão dogmática se negligenciou⁵ aspectos fundamentais que regem a recepção de um texto literário, colocando em detrimento as questões contextuais concretas que justificam a produção e escrituração do texto. Entretanto, não existe necessariamente antagonismo entre o caráter literário das escrituras cristãs e sua visão como texto sagrado seja em termos de “inspiração divina” ou de “autoridade doutrinária”. O estudo literário não pretende e nem mesmo tem condições de negar tais postulações, não é seu objetivo, competência e finalidade, seu campo perscrutíneo é outro. E, por assim dizer, o mesmo tem significativos resultados e contribuições para a correta compreensão do sentido original do texto, que deveriam ser valorizados, principalmente, por aqueles que têm o texto como “fonte de orientação para a vida”. Por isso, torna-se igualmente imperativo que a abordagem religiosa considere o “*status*” literário das Sagradas Escrituras, conviva com o fato literário e o respeito⁶. Aliás, a análise literária deve preceder qualquer atribuição de valor ao texto, pois, como disse Alter e Kermode, “a menos que tenhamos um entendimento claro do que o texto está dizendo, ele não terá muito valor sob outros aspectos”⁷. Por esta razão, o estudo literário requer captar a harmonização altamente heterogênea de códigos, dispositivos e propriedades lingüísticas entrelaçados pela mecânica da língua em sua sintaxe, gramática e semântica, numa complexidade de interações de gênero, técnica, organização temática, estrutura, etc⁸. Sendo a literatura uma linguagem complexa e, não obstante distinta, a análise literária pode nos orientar no acesso a uma realidade do passado, quanto às operações da linguagem no texto e, portanto, na eficiência da comunicação de sua mensagem no condicionamento de seu tempo e lugar⁹.

Portanto, cada ambiente lingüístico desenvolve determinadas características para as situações de comunicação que se repetem com freqüência. A forma da

⁵ CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000, p. 13.

⁶ FERREIRA, J. C. L. *Estudos literários aplicados à Bíblia: dificuldades e contribuições para a construção de uma relação*. Disponível em < HTTP: //www.revistatheos.com.br /artigos% 20anteriores /Artigo_03_02.pdf >. Acesso em 03 janeiro 2011, pp. 2-3.

⁷ ALTER, R.; KERMODE, F. (Eds.). *Guia Literário da Bíblia*. São Paulo: Editora Unesp, 1997, p. 13.

⁸ ALTER; KERMODE, *Guia literário da Bíblia*, p. 15.

⁹ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Edições Paulinas, 1994, pp. 41-45.

expressão lingüística é condicionada pela situação. Estabelecem-se, por exemplo, as formas gerais de contato para uma conversação, as cartas se escrevem segundo determinado modelo, os anúncios de casamento e os necrológios se redigem segundo determinado esquema. Tais esquemas permitem obter certas conclusões acerca do contexto sociocultural dos textos. Em todos estes casos, experiências e intenções análogas, num ambiente lingüístico idêntico no tempo e no espaço, criam formas lingüísticas similares, típicas da mesma situação¹⁰. Estes pontos direcionam para a importância do estudo destes esquemas ou tipos textuais, comumente denominados de “gêneros literários”.

A importância da captação dos respectivos Gêneros literários

No século passado a ciência bíblica forneceu uma das maiores contribuições no que diz respeito ao progresso metodológico de análise e compreensão de texto da Antiguidade: a descoberta, análise e classificação dos gêneros literários¹¹. A análise dos tipos ou gêneros literários classifica os textos ocorrentes no Segundo Testamento, recolhendo-os em grupos com estruturas análogas, determinando suas características e tentando apreender seu ambiente social e os campos de interação nos quais os tipos de textos se inscrevem. Contudo, o estudo dos gêneros demonstra que os hagiógrafos empregaram grande variedade de formas literárias e que, por detrás destas, existe toda uma gama de materiais oriundos da transmissão oral e de recensões escritas¹². Portanto, não é uma ciência exata, nem uma simples aplicação de fórmulas pré-estabelecidas. Ao contrário, é uma ferramenta lingüística que de modo algum substitui a sensibilidade ao texto e toda a carga subjacente de sua respectiva história. Por fim, faz-se necessário levar em consideração que toda vez que um modelo é empregado, ele sofre influências do contexto e apresenta alterações, em sua forma e/ou em sua finalidade. E não só isso, gêneros são amalgamados, combinados e justapostos para atender determinados fins. Por isso, gênero literário “puro” existe só na abstração¹³.

Entretanto, o desfrute e a compreensão dos gêneros literários, só podem ocorrer na medida em que são estudados continuamente. Assim, é possível que seja construído uma orientação útil de pensamento, como um caminho efetivo para desenvolver outros ângulos de compreensão, a respeito da roupagem que um gênero pode assumir, especialmente nos escritos do *Segundo Testamento*. Em

¹⁰ EGGER, W. Metodologia do Novo Testamento. São Paulo: Edições Loyola, p. 1994, p. 142-143.

¹¹ LUÍS-SICRE, J. *Profetismo em Israel*: O profeta, os profetas, a mensagem. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 142-143.

¹² WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 179; SILVA, C. M. *Leia a Bíblia como literatura*. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 41.

¹³ SILVA, *Leia a Bíblia como literatura*, p. 42.

termos técnicos, segundo L. Alonso Schökel¹⁴, seguindo Herman Gunkel, a identificação de um gênero deve proceder a partir de quatro critérios fundamentais: 1) Um tema peculiar; 2) Uma estrutura ou forma interna peculiar; 3) Um repertório de procedimentos; 4) Fator externo, que é o *Sitz im Leben*¹⁵. Em termos procedimentais, um gênero só é estabelecido se sua estrutura básica for capaz de ser identificada em outro texto (mesmo que o outro texto apresente peculiaridades). Existe uma série de amostras que nos ajudaria nesta exposição. No entanto, a título de exemplo, queremos chamar a atenção para dois tipos de gêneros literários do *Segundo Testamento*. Os evangelhos e os tipos apocalípticos. Estes gêneros são por deveras interessantes porque ajudam ao leitor moderno ter uma aproximação do universo literário e projeto comunicativo nos primeiros períodos do cristianismo originário e auxilia no cuidado em não se ter univocamente a leitura *literalista*¹⁶ como pressuposto de compreensão.

O primeiro exemplo: a funcionalidade do gênero “evangelho”

A respeito dos evangelhos teríamos num primeiro momento as seguintes perguntas: O que seriam os evangelhos? E como justificar a *questão sinótica*?¹⁷ Em primeira instância, podemos considerar que os apóstolos funcionam para a comunidade como a memória viva “autorizada” do que Jesus fez e ensinou. O testemunho da experiência com Jesus era transmitido através do convívio e ensino pessoal direto deles às primeiras comunidades. A ausência ou morte dos discípulos da primeira geração provavelmente suscitou preocupações sobre a continuidade de transmissão dos fatos da vida de Jesus, isso poderia ter feito surgir a produção de um novo gênero de escrita, os evangelhos. A memória dos apóstolos e dos discípulos passou pelo processo de compilações, mas não no modo tal como se conhece hoje de literatura biográfica, nem de historiografia ou simples narrativa, e sim de modo literariamente diferente mediante o contexto das várias comunidades. Os evangelhos em geral seguem uma estrutura básica por detrás da narrativa acerca do personagem principal: a) Preparação para o ministério; b) Ministério na Galiléia; c) Viagem para Jerusalém; d) Paixão, morte e aparições. Contudo, o material selecionado por cada um (em comum e exclusivo), a seqüência de fatos, blocos literários, relatos de milagres, etc, podem assumir lugares diferentes e são

¹⁴ ALONSO-SCHÖKEL, L. Bíblia e literatura. In: ECHEGARAY, J. G. et al. *A Bíblia e seu contexto*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2000, p. 392.

¹⁵ Expressão alemã que significa “*situação na vida*”, termo técnico convencionado para denotar uma típica situação vivencial geratriz de um *clichê* ou forma textual.

¹⁶ O termo *literalista* aqui se refere à leitura excessivamente literal, ao pé da letra, *ipsis literis* ou *ipso facto* e não ao sentido “literário” do texto.

¹⁷ A questão sinótica trata da problemática que existe entre os três evangelhos que apesar de serem considerados *sinóticos* (parecidos, semelhantes, literalmente *com a mesma ótica*) apresentam inúmeras divergências entre si.

teologicamente estruturados como se os evangelistas estivessem articulando a mensagem dos próprios apóstolos de acordo com a necessidade e condição vigente específica de cada comunidade. A intenção dos evangelistas não é disputar uma crônica narrativa precisa e rígida dos fatos tal como aconteceram, e nem mesmo de enganar os leitores originais, antes se trata de atualizar a mensagem respondendo à situação presente e às problemáticas e desafios pelos quais perpassam os leitores.

As comunidades destinatárias são visivelmente diferentes, provavelmente situadas em momentos diferentes no tempo, etc. Um evangelho (o chamado “Marcos”) se acha no dever de traduzir as expressões aramaicas¹⁸, mas não traduz expressões originalmente latinas¹⁹, o que demonstra que sua comunidade não é de fala nativa da Palestina. Já o outro evangelho (denominado “Mateus”) faz uso de hebraísmos e de costumes judaicos²⁰ sem preocupação de explicá-los, também é o que mais faz alusões e citações do Primeiro Testamento. Tem como ponto fundamental mostrar a judaicidade da Nova Aliança, que Jesus é o novo Israel que cumpre todo do Primeiro Testamento para assim criar uma linha de continuidade (mas que excede) entre as promessas da aliança com os destinatários do texto. O Quarto Evangelho faz questão de incluir em sua seleção de material o caso episódico do cego expulso da Sinagoga, pois tal fato fazia sentido para uma comunidade que vivia no final do primeiro século o contexto do judaísmo formativo que passou a amaldiçoar todo aquele que seguia o Nazareno, contexto de expulsão da Sinagoga em que finalmente se dá a cisma entre judaísmo e cristianismo. Assim, os indícios textuais podem indicar a competência cultural dos destinatários e ajudar a traçar possíveis perfis sociológicos e situações históricas diversas.

O segundo exemplo: a funcionalidade dos gêneros “apocalípticos”

O outro exemplo se trata do conjunto de gêneros apocalípticos. De certo modo, os estudiosos²¹ concordam que a *apocalíptica*²², ou movimento inerente, surgiu num período da história do povo judeu, entre 220 a.E.C. e 220 E.C., como uma mudança socioliterária correspondente aos movimentos apocalípticos que por

¹⁸ “Boanerges”: Mc 3.15; “Talitha coum”: Mc 5.41; “korbân”: Mc 7.11; “ephphatha”: Mc 7.34; “golgothã”: Mc 15.22; “eloi eloi lema sabachthani”: Mc 15.34.

¹⁹ “Legión”: Mc 5.9; “phragellósas”: Mc 15.15; “praitórion”: Mc 15.16, etc.

²⁰ “Ligar e desligar”: Mt 16.19; 18.18; “rhaká”: Mt 5.22; “violação do costume”: Mt 12.5; “a tradição dos antigos”: Mt 15.2; “phylaktérion”: Mt 23.5; “kýminon”: Mt 23.23, etc.

²¹ Estudos organizados por Gonzalo Aranda Pérez e Carlos Mesters. Cf. MESTERS, C; OROFINO, F. *Apocalipse de São João: a teimosia da fé dos pequenos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 20; ARANDA PÉREZ, G. *Literatura judaica intertestamentária*. São Paulo: Editora Ave Maria, 2000, p. 240.

²² A expressão “apocalíptica” é uma palavra artificial tardia, cunhada por F. Lücke (1791-1855). VIELHAUER, P. *Literatura Cristã Primitiva – Introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos*. São Paulo: Academia Cristã, 2005, p. 514; AUNE, D. The basic Features of the Early Christian Prophetic Speech. In: *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*. Michigan: W. B. Eerdmans, 1983, pp. 320-346.

sua vez seriam o resultado de fatores econômicos, sociais, políticos e religiosos, com uma tendência que visava ocupar o lugar do movimento profético até então oficial. As principais circunstâncias seriam a falta de autonomia nacional, a helenização compulsória da palestina²³, a inacessibilidade que a voz de um representante espontâneo (profeta) ou oficial (sacerdotes ou governante político) judeu teria junto ao imperador helenista para exigir dele a observância da lei mosaica ou sua conversão à ela a fim de garantir benefícios e autonomia à província judaica, acrescentando ao cenário a experiência de classes inferiores e comunidades sectárias sentirem-se oprimidas, sem controle e ameaçadas de desintegração.

Deste modo, o espírito da profecia encontrava, nas classes populares, novas *formas de expressão*, dentro destas a *apocalíptica*, mas sem o rótulo “oficial” de profecia, a qual floresceu, com pretensão de possuir o dom da inspiração e por este modo misturava, de novo, idéias de crenças estranhas com as crenças judaicas, fazendo assim reviver, mais uma vez, o perigo do sincretismo religioso, além do fato de ter-se demonstrado com traços sectários em comunidades ou movimentos incorporados a uma perspectiva apocalíptica como sua ideologia²⁴. Importante notar que a apocalíptica tinha a pretensão de ser uma nova forma de profecia, na realidade, valorizava determinadas características advindas do profetismo veterotestamentário e acabou configurando peculiaridades que por fim definiram a natureza do movimento²⁵. Com o intuito de superar as crises e os desafios de uma respectiva época a literatura apocalíptica era considerada como literatura “revelatória”, como denota o próprio termo grego *apokalypsis*²⁶. Em consonância com este significado, na década de 70 do século passado, foi estabelecida uma definição do que seria um gênero apocalíptico²⁷, a qual se tornou clássica nos círculos de estudos do apocalipsismo, mas que hoje tem sido abalada por várias críticas para o entendimento do que se refere ao gênero apocalíptico ou, melhor,

²³ FOHRER, G. *História da Religião de Israel*. São Paulo: Ed. Academia Cristã; Paulus, 2006, pp. 478-479.

²⁴ MESTERS; OROFINO, *Apocalipse de São João*, pp. 52-64;

²⁵ ALONSO-SCHÖKEL, *Bíblia e Literatura*, pp. 356-357. ALFARO, J. I. *O Apocalipse: em perguntas e respostas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 10.

²⁶ Só a partir dos meados ou fins do século II a palavra “*apocalipse*” se tornou nome de gênero literário, quando o Cânon Muratori designou tanto o Apocalipse joanino como o de Pedro com a palavra *apokalypsis*, sem traduzi-la. Cf. BERGER, *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 268.

²⁷ Após o exaustivo trabalho dos pesquisadores em torno da complexa questão que envolve o âmbito da apocalíptica no seu amplo contexto, J. J. Collins, entre os anos 75 e 77, coordena uma equipe de trabalho com o objetivo de delinear uma possível definição do gênero apocalíptico presente nos textos bíblicos e extra-bíblicos: “*Apocalypse is a genre of revelatory literature with a narrative framework, in which a revelation is mediated by an otherworldly being to a human recipient, disclosing a transcendent reality which is both temporal, insofar as it envisages eschatological salvation, and spatial insofar as it involves another, supernatural world.*” COLLINS, J. J. *The Apocalyptic Vision of the Book Daniel*, HarvSemMonogr, 1977, p. 16; COLLINS, J. J. *The morphology of a genre*. Semeia 14: Scholars Press, 1979, p. 9; RUSSEL, D. S. *The method & message of Jewish Apocalyptic*. London: SCM, 1970.

aos *gêneros apocalípticos*. A razão disto se dá pelo fato de que nem todos os “apocalipses” se enquadram completamente na respectiva definição²⁸, nem eles se encontram somente sob uma única forma literária. Daí a dificuldade de definir e delimitar a apocalíptica que, por outro lado, se encontra não somente na literatura judaica intertestamentária como também no Primeiro Testamento, como o livro de Daniel, em partes de Isaías (24-27), de Zacarias (9-14) e de Ezequiel (38-39), etc, e em certas passagens do *Segundo Testamento*, como os então chamados *apocalipses sinóticos* em Mt 24, Mc 13 e Lc 21, a forma dos textos “apocalípticos” paulinos de 1 Ts 4,13-18 e 2 Ts 1,6-10, etc, e petrino, como 2 Pd 3,10-13, etc.

Por esta razão, as características clássicas de “forma escrita, simbologia, estilo dramático, visões, pseudonomia, mediação angélica, etc”²⁹ não são determinantes para identificar um apocalipse como um único padrão de tipo textual, preferindo-se hoje não mais se referir a “um” gênero apocalíptico, mas aos *gêneros literários* sintetizados nos textos que estavam dentro de uma corrente teológica denominada apocalíptica. Por exemplo, o Apocalipse canônico (o último livro do Segundo Testamento) não se constitui em critério para determinar o que possa ser um gênero literário apocalíptico, o critério é antes um conjunto de *gêneros* que se podem encontrar no quadro da apocalíptica. Certos elementos estruturantes de pensamento apocalíptico foram levantados³⁰ a fim de situar determinados textos no largo alcance cultural da apocalíptica, perfazendo um total de oito noções orientadoras, as quais são: “*espera impaciente*” pelo fim que se “aproxima”, “*catástrofe cósmica*” que comporta a constatação de um pessimismo histórico que cederá lugar a instauração do mundo novo, “*História e final*” dentro de uma noção que fornece um sentido global da história e situa o leitor como se estivesse vivendo no seu estágio final, “*História terrestre e história celeste*” uma interconexão inseparável entre os fatos e motivos da história e as determinações celestiais numa categoria jurídica, “*salvação dos justos*” num conceito de ressurreição e imortalidade como recompensa pela fidelidade, “*perdição e salvação*” que impõe o tempo escatológico final como inauguração pela passagem do estado de perdição para aquele de salvação definitiva, “*mediador da salvação final*” que executa a salvação final com funções reais, e por último, a “*glória*” que é a definição constitutiva do estágio final, a apropriação de fusão total da terra e do

²⁸ ARANDA PÉREZ, *Literatura judaica intertestamentária*, p. 240.

²⁹ FEE, G. D; STUART, D. *Entendes o que lêes?* Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 218; ROLOFF, J. *The revelation of John*. Minneapolis: Fortress Press, 1993, p. 4.

³⁰ AZEVEDO, D. W. O. Escatologia: Fundamentos e perspectivas bíblicas. In: COMMUNIO – REVISTA INTERNACIONAL DE TEOLOGIA E CULTURA - *Céu, Inferno e Purgatório*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2004, pp. 39-41; RUSSEL, *Desvelamento divino*, pp. 115-154.

céu. Assim, a situação presente passa por uma transformação radical. Essa linha de tratamento demonstra que a literatura apocalíptica é identificável³¹, sem necessariamente deter uma forma literária comum, “uma vez que a apocalíptica utiliza todos os gêneros tradicionais, transformando-os em formas novas, muitas vezes híbridas”³².

A Formgeschichte³³ detém atualmente uma abertura conceitual de *gêneros apocalípticos* que possibilita não excluir algum texto de comparação, sendo os seguintes os principais gêneros³⁴: *tagma* (sequência de acontecimentos apocalípticos), *visão do trono* (vigência da supremacia divina), *diálogo com o anjo revelador* (a transcendência comunicada por um ser da transcendência), *descrição sem sucessão de fatos* (quadros comparativos), *guerra apocalíptica* (conflito último e crise decisiva), *sequência de reinados em forma alegórica* (transitoriedade das estruturas humanas), *sucessão de eras* (“éons” ou *aiōn*: antiga e a nova – renovação e renascimento), *vaticínios* (noção futurística), *relatos apocalípticos dos mártires* (coragem e heroísmo em prol da justiça), *cenários de julgamentos* (repercussão definitiva das decisões atuais), etc. Por fim, a literatura apocalíptica é considerada uma *literatura de crise*³⁵, textos epidícticos³⁶ com intenção de demonstrar e por em evidência uma realidade despercebida, a fim de despertar a esperança, o encorajamento e a resistência na certeza de uma “virada” histórica³⁷. Grande parte desta literatura foi produzida pelas comunidades que se formaram por judeus que regressaram tardiamente da diáspora para a palestina, muito após a consolidação da reforma de Esdras que estava pautada no principal documento identitário: a Torah. Porém, os recursos (como a invocação pseudônima de personagens da Antiguidade, etc) envidados para dar maior legitimação aos escritos apocalípticos poderiam fazer com que estes escritos viessem a suplantam a Torah, o que acarretou uma suspeita desconfortável quanto a este tipo de

³¹ RUSSEL, D. S. *Desvelamento divino*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 33.

³² COLLINS, *The morphology of a genre*, pp. 1-10;

³³ Literalmente “História das Formas”, trata-se do método histórico crítico das formas literárias que tem como seu maior expoente Hermann Gunkel (1862-1932) que, apesar de muitos de seus pressupostos estarem hoje obsoletos, suas contribuições iniciais foram fundamentais para a história do respectivo método. Mais tarde Martin Dibelius e Rudolf Bultmann concederam aplicações ao estudo dos gêneros, mas pesquisa se encontra em fase de transição. GIBERT, P. *Une théorie de la légende: Hermann Gunkel (1862-1932) et les légendes de la Bible*. Paris: 1979; VOLKMANN, M; DOBBERAHN, F. E.; CÉSAR, E. E. B. *Método histórico-crítico*. São Paulo: CEDI, 1992, pp. 79-81; WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 169.

³⁴ Proposta apresentada por Klaus Berger. Cf. BERGER, *As formas literárias do Novo Testamento*, pp. 268-276.

³⁵ THEOBALD, C. *A Revelação*. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 104.

³⁶ Segundo Klaus Berger os textos epidícticos “tencionam impressionar o leitor, para fazê-lo sentir admiração ou repulsa; sua sensibilidade para valores é abordada na esfera pré-moral”. O termo vem do grego *epideiknymi*, que significa “indicar, apontar, etc.”, pelo fato de que tais textos pintam, representam coisas, pessoas e acontecimentos. São descritivos, narrativos, copiam quadros e criam imagens. BERGER, *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 21.

³⁷ RUSSEL, *Desvelamento divino*, pp. 180-181.

literatura. Tais comunidades, suspeitas de *sincretismo*, sofriam rejeição da ortodoxia de Jerusalém numa época de forte dominação estrangeira. Assim, sectárias, desenvolveram formas apocalípticas, como comentários e interpretações próprias a respeito das tradições do passado numa ligação com sua época de tremendo pessimismo quanto às resoluções humanas. As origens sectárias e sincréticas, são algumas razões que explicam o fato do cristianismo pós-apostólico ter herdado do judaísmo ortodoxo as dificuldades em lidar com estes gêneros de escrita³⁸, posto a dificuldade que o Apocalipse enfrentou de ser admitido na Igreja e no cânon neotestamentário³⁹. Estes últimos pontos servem para mostrar o cuidado que hoje se deve ter em lidar com este tipo de literatura apocalíptica, prevenindo-nos de impor-lhe uma interpretação arbitrária sob perspectivas modernas, destituindo-a de seus significados profundamente enraizados em seu ambiente vital de surgimento.

Conclusão

Por fim, os exemplos citados demonstram quais eram as funções e intencionalidade de um texto sagrado posto em circulação como um projeto comunicativo. Determinar o gênero literário em conexão à situação vivencial é de especial importância no caso de textos que fazem parte de um mundo cultural diferente do nosso⁴⁰. Esse problema pesou sobre a interpretação de textos bíblicos por longo tempo. A função, a intencionalidade e o sentido do texto só poderão ser descobertos em muitos casos ambíguos a partir da justa determinação de seu gênero literário, e da precisa descrição e compreensão desse gênero. Porém, este esforço visa adentrar no ponto mais interessante e delicado na análise do gênero literário, que é identificar a experiência que o gênero procura expressar e representar, isto é, qual a situação sociocultural e os campos de interação que o gênero se inscreve e intenciona expressar⁴¹. Entretanto, nada do que foi exposto acima significa que os textos devem ficar confinados no passado. As experiências vitais do passado espelhadas no texto ainda são capazes de fazer ecoar sua voz na atualidade. Aprender com o passado é experiência basilar e constitutiva para a humanidade, por isso, como patrimônio antigo, tais textos não podem ser aviltados e destituídos de suas grandezas de sentido, conforme preconizado por uma regra simples, fundamental e inalienável da hermenêutica: "*um texto não pode significar*

³⁸ SHREINER, J.; DAUTZENBERG, G. *Formas e Exigências do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica e Paulus, 2004, p. 411.

³⁹ VALDEZ, A. *O livro do Apocalipse*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009, p. 15; SAND, A. A questão do lugar vivencial dos textos apocalípticos do Novo Testamento. In: *Apocalipsismo*. Canoas: Sinodal, 1983, p. 227.

⁴⁰ SIMIAN-YOFRE, H. *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 101.

⁴¹ EGGER, *Metodologia do Novo Testamento*, p. 143.

*hoje o que nunca significou em seu contexto original*⁴². Por fim, a riqueza de significados deve ser adequadamente extraída, a fim de que o estudo literário alcance seu propósito e objetivo. E ainda que o estudo dos gêneros possa provocar uma sensação de frieza devido à busca de esquemas relativamente fixos, é preciso frisar que isto não é uma regra universal. Existem textos que possuem um estilo ou uma índole comum, mas não segue a mesma forma e modelo⁴³ e, em regra geral, cada texto possui seu próprio rosto, uma fisionomia pessoal⁴⁴, distinguível e funcional para cada circunstância que o mesmo se propõe interagir e dialogar.

Referências Bibliográficas

- ALONSO-SCHÖKEL, L. Bíblia e literatura. In: ECHEGARAY, J. G. et al. *A Bíblia e seu contexto*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2000.
- ALFARO, J. I. *O Apocalipse: em perguntas e respostas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- ALTER, R. *Em espelho crítico*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- ALTER, R.; KERMODE, F. (Eds.). *Guia Literário da Bíblia*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- ARANDA PÉREZ, G. *Literatura judaica intertestamentária*. São Paulo: Editora Ave Maria, 2000.
- AUNE, D. The basic Features of the Early Christian Prophetic Speech. In: *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*. Michigan: W. B. Eerdmans, 1983.
- BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- COLLINS, J. J. *The Apocalyptic Vision of the Book Daniel*, HarvSemMonogr, 1977.
- _____. *The morphology of a genre*. Semeia 14: Scholars Press, 1979.
- COMMUNIO – REVISTA INTERNACIONAL DE TEOLOGIA E CULTURA - *Céu, Inferno e Purgatório*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2004.
- EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- FEE, G. D; STUART, D. *Entendes o que lêes?* Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- FERREIRA, J. C. L. *Estudos literários aplicados à Bíblia: dificuldades e contribuições para a construção de uma relação*. Disponível em < HTTP://www.revistatheos.com.br/ artigos% 20anteriores/ Artigo_03_02.pdf >. Acesso em 03 janeiro 2011.

⁴² FEE; STUART. *Entendes o que lêes?* p. 48.

⁴³ SILVA, *Leia a Bíblia como literatura*, p. 41.

⁴⁴ ZENGER, Erich. Ejemplo tomado del Antiguo Testamento. In: SCHREINER, J. (Org.). *Introducción a los Métodos de la Exégesis Bíblica*. Barcelona: Herder, 1974, pp. 168.

- FOHRER, G. *História da Religião de Israel*. São Paulo: Ed. Academia Cristã; Paulus, 2006.
- BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- LUÍS-SICRE, J. *Profetismo em Israel: O profeta, os profetas, a mensagem*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- MESTERS, C; OROFINO, F. *Apocalipse de São João: a teimosia da fé dos pequenos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Edições Paulinas, 1994.
- ROLOFF, J. *The revelation of John*. Minneapolis: Fortress Press, 1993.
- RUSSEL, D. S. *Desvelamento divino*. São Paulo: Paulus, 1997.
- _____. *The method & message of Jewish Apocalyptic*. London: SCM, 1970.
- SAND, A. A questão do lugar vivencial dos textos apocalípticos do Novo Testamento. In: *Apocalipsismo*. Canoas: Sinodal, 1983.
- SCHNELLE, U. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André: Academia Cristã e Paulus, 2010.
- SHREINER, J.; DAUTZENBERG, G. *Formas e Exigências do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica e Paulus, 2004.
- SILVA, C. M. D. *Leia a Bíblia como literatura*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- SIMIAN-YOFRE, H. *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- THEOBALD, C. *A Revelação*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- VALDEZ, A. *O livro do Apocalipse*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.
- VIELHAUER, P. *Literatura Cristã Primitiva – Introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos*. São Paulo: Academia Cristã, 2005.
- VOLKMANN, M; DOBBERAHN, F. E.; CÉSAR, E. E. B. *Método histórico-crítico*. São Paulo: CEDI, 1992.
- ZENGER, Erich. Ejemplo tomado del Antiguo Testamento. In: SCHREINER, J. (Org.). *Introducción a los Métodos de la Exégesis Bíblica*. Barcelona: Herder, 1974.